

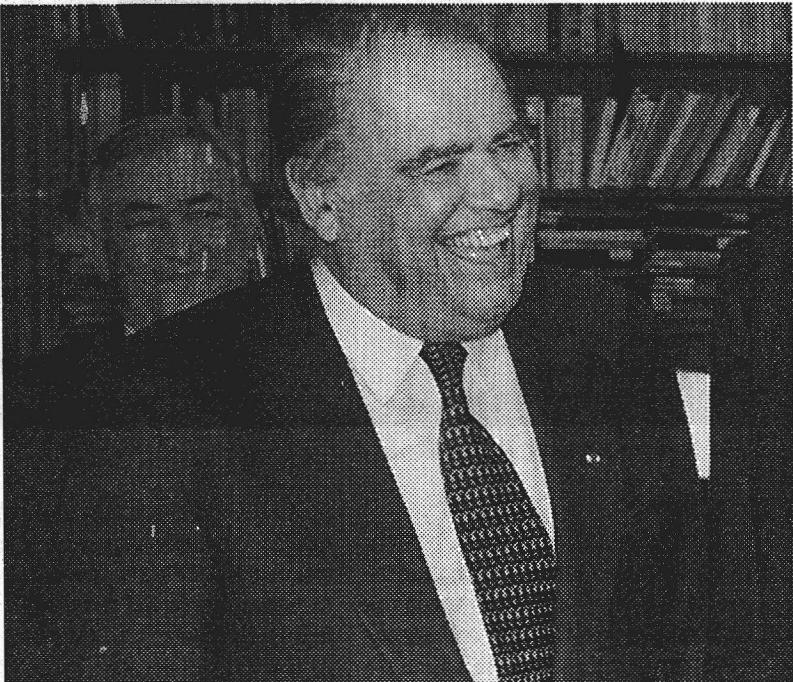
BID confia em recuperação

Reuters - 18/2/99

WASHINGTON - O presidente do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), Enrique Iglesias, expressou ontem sua confiança na capacidade de recuperação da economia brasileira - em crise desde setembro do ano passado - e renovou a disposição de ajudar o país. "Confio nas medidas que o governo brasileiro vem tomando e nos acordos que vêm sendo fechados com o Fundo Monetário Internacional, principalmente no que diz respeito ao câmbio", disse Iglesias em Washington.

O presidente do BID reafirmou que a parcela de US\$ 3,4 bilhões do dinheiro reservado para o Brasil desde o primeiro acordo com o FMI será liberada tão logo as renegociações com o Fundo sejam concluídas. "Mas o Brasil terá que explicar claramente ao mundo suas metas, suas âncoras e a natureza de sua política," completou Iglesias.

O presidente do BID também disse que é vital que o Brasil tenha a cooperação do setor privado na rolagem de dívidas e renovação de créditos para assegurar o sucesso da política econômica no curto prazo, afirmando que considera que isso deve ser também interesse próprio dos bancos. "O Brasil é um fator ex-



Iglesias diz que dinheiro do BID (US\$ 3,4 bi) continua reservado

tremamente importante na economia global," disse. "Todos tem interesse em ver o país indo adiante."

Lembrou ainda que, ao contrário da Rússia, no caso brasileiro a crise encontrou um país ainda com reservas financeiras e dotado de um sistema bancário muito sólido, o que os russos não tinham.

Na próxima terça-feira, dia 9, o

governo vai assinar mais dois contratos com o Banco Mundial (Bird) no valor de US\$ 1,01 bilhão. A liberação do dinheiro será imediata. O Senado aprovou ontem a autorização para que o governo fizesse os dois empréstimos, referentes à participação de US\$ 4,5 bilhões do Banco Mundial no programa de ajuda ao Brasil.

Os empréstimos do Bird tem como finalidade patrocinar a implantação de políticas públicas que o Brasil considera necessárias. Esses financiamentos não serão utilizados para investimentos específicos, mas para apoiar a capacidade de ação do governo. A intenção é que o governo possa levar adiante as reformas por meio da redução do déficit público ou do fortalecimento das reservas cambiais.

O primeiro financiamento do Banco Mundial, no valor de US\$ 252,52 milhões, vai permitir que o governo mantenha os gastos básicos nas áreas sociais, principalmente na educação, saúde, e assistência social, sem aumentar o déficit público. O segundo empréstimo, de US\$ 757,57 milhões, é destinado ao combate do déficit do orçamento na área da Previdência Social.

Agenda - O Ministério da Fazenda informou ontem que seria pouco provável que saísse hoje o memorando técnico com as novas metas do acordo do Brasil com o FMI. No entanto, um assessor disse que seria possível um comunicado conjunto sobre as negociações. Ele anunciou que o ministro Pedro Malan estará na próxima quinta-feira, dia 11, em Frankfurt; e na sexta-feira, 12, em Paris.

O mais provável, pelo que sentiu Roberto Campos, é que as vendas dessas empresas comecem pela privatização das subsidiárias. "É o primeiro passo que fatalmente resultará na privatização total."

O corte de gastos conjunto anunciado pelos três Poderes seria, na opinião de Campos, um gesto fundamental para sinalizar a integração do país num projeto solidário de enfrentamento da crise. "É preciso quebrar a hierarquia que existe na percepção sobre a necessidade do ajuste, que é aguda no Executivo, média no Legislativo, próxima de zero no Judiciário e até há pouco tempo era negativa nos estados e municípios."

E na sociedade?

"A sociedade se mantém mais ou menos abúlica, até porque o governo não tem explicado direito ao país o que está acontecendo. Isso é até certo ponto compreensível porque significaria, na prática, uma autocritica."

Mas Roberto Campos não considera que possam ser atribuídas somente ao Brasil todas as culpas pela quebra da confiança internacional. "Há também muitas avaliações injustas lá fora que não consideram os enormes avanços já conseguidos aqui dentro, principalmente em termos de mudança de mentalidade, de cultura."

Caberá a Armínio Fraga, no péríodo internacional que fará a partir da semana que vem, também explicar quais foram esses avanços e mostrar a importância deles dimensionando-os dentro da realidade brasileira. Para Campos, foram os seguintes:

"A população depois de muito tempo começa a apreciar a estabilidade como valor fundamental e atingível. Fizemos também finalmente a identificação correta de quem é o inimigo, deixando de demonizar o capital internacional e encarando de frente o fato de que o adversário é o déficit público. Em terceiro lugar, abandonamos os métodos heterodoxos de combate à inflação, como confiscos e congelamentos. E, por último, admitimos o reexame do que seriam funções de governo, que deixou de ser encarado como o indutor do desenvolvimento para ceder esse lugar ao setor privado."

Roberto Campos acha que Fernando Henrique só teria a ganhar se tivesse com mais freqüência, e maior variação de interlocutores, conversas como a que teve com ele na quarta-feira. "O presidente precisa ampliar seu ambiente de consultas. Brasília é terrível, um lugar onde os economistas só conversam com economistas, os políticos só falam com políticos, formando todos um grande círculo de relações incestuosas que não levam a nada nem refletem o que se pensa no Brasil."